

O acesso à leitura literária nas aulas de língua portuguesa: da leitura impressa à leitura digital

Nadja Silva Brasil Santos¹

Os avanços das tecnologias digitais trouxeram para a sociedade uma nova perspectiva de enxergar o mundo. Eles transformaram os hábitos de afazeres profissionais, entretenimento, mobilidade, interações, estudo, pesquisa, consumo e tantos outros. A amplitude de informações e a funcionalidade ofertadas por esses avanços alteraram também uma das tradições mais clássicas e remotas do mundo: a leitura.

Com relação à leitura, toda forma de aprendizagem requer a sua necessidade, seja para ligar e manusear um aparelho eletrônico novo ou conhecer as suas instruções, seja para seguir as orientações para ingestão de um medicamento, o ato de ler se faz sempre presente. Nesse sentido, desde que se obtêm a capacidade da decodificação das palavras, é indispensável que a utilize corriqueiramente para a realização de tarefas simples e quando o indivíduo é, de alguma forma, impedido de usá-la por algum problema visual, por exemplo, sentirá uma enorme dificuldade para executar tarefas que antes eram habituais. Pequenas ações que passam despercebidas e são realizadas quase automaticamente mostram a magnitude da leitura no cotidiano de todos.

Segundo Paulo Freire (2003), a leitura colabora para a agnição da realidade de forma crítica, contribuindo para o enfrentamento de um mundo cheio de desigualdades. Ler é modificar a realidade do meio inserido e estimular o indivíduo a abandonar a atribuição de mero receptor de ideias para protagonista, interpretando e reinventando o mundo, à procura da liberdade. Assim sendo,

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2003, p. 11)

Corroborando essa concepção de leitura de Freire, Marisa Lajolo (1993) afirma que se lê para compreender o mundo, para se viver melhor. Segundo a autora, em nossa cultura, quanto mais amplo o entendimento de mundo e de vida, maior a profundidade com que se lê. A autora assevera também que, “a leitura deve começar na escola, mas não pode, nem costuma encerrar-se nela” (1993, p.7). Por esse ângulo, a leitura, considerando suas

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), dentro da linha de Pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores, sob a orientação da professora Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz. Endereço eletrônico: brasil.nadja2@gmail.com

manifestações, é humanizadora e um significativo instrumento de emancipação pessoal e social.

Ao falar da importância da leitura, é necessário referenciar o papel da literatura na função humanizadora do sujeito. Segundo Antonio Candido (2011), a literatura possui essa função porque atua na formação do próprio homem, isto é, a literatura provê a necessidade universal que o sujeito apresenta de ficção e poesia, contribuindo para a ampliação do aspecto humano e oportunizando a compreensão do mundo e do indivíduo que dela se apossa. Para Candido, além de possuir função humanizadora e formadora, por educar através da literatura, ela pertence ao homem como um direito, “a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 2011, p.191).

Frente ao exposto, é crível que conduzir a leitura literária para a sala de aula em tempos de tecnologia digital não é uma empreitada fácil, visto que os alunos vivem em uma sociedade midiática, na qual a performance do movimento, da conectividade e da celeridade de informações atraem cada dia mais o leitor literário.

Com o avanço da internet e a popularização dos dispositivos eletrônicos, o acesso à leitura tornou-se mais amplo, porém nem sempre democrático. Antes, para ter acesso a um livro, era necessário ir até uma biblioteca ou livraria física, mas, na contemporaneidade, basta contar com um dispositivo conectado à internet para ter milhares de obras literárias ao alcance dos dedos. Estudiosos da área acreditam que essa facilidade é importante para impulsionar o hábito da leitura e expandir o conhecimento de forma acessível para todos. Assim, aos poucos, a literatura impressa vem cedendo espaço para as leituras digitais, à disposição nas díspares plataformas ou nos dispositivos eletrônicos, como *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, *kindle*, dentre outros.

Nessa perspectiva, no concerne ao uso do computador e das novas tecnologias digitais no âmbito educacional, pois incorporar o manuseio de ferramentas digitais em meio ao conservadorismo, que ainda se mantém arraigado no processo de ensino e aprendizagem nas escolas de educação básica, não é simples.

É imprescindível, para que se compreenda as trilhas cursadas pela leitura até aos dias de hoje e aos seus inúmeros formatos, que se regresse a sua gênese. A cronologia da leitura está relacionada à história dos suportes de apropriação da escrita. Esses suportes foram desde as escritas cuneiformes da antiga Mesopotâmia, transitando por rolos de papiros, códices, escritas em pedra e em couro, até o registro virtual dos computadores. Assim, colaboraram decididamente para delinear a prática da leitura em cada período específico.

Dessarte, a leitura está ligada aos sujeitos e à sua história. Ela é respeitada como a voz da civilização, seja pelos sinais marcados por um escriba egípcio em papiro há 4.000 anos, seja nos bilhões de caracteres por segundo que cingem na ampla rede de comunicação virtual.

A invenção da imprensa por Johann Gutenberg, no século XV, foi um dos acontecimentos que transformaram a história da leitura e da circulação de ideias em escala mundial. Tal invenção permitiu a formação de comunidades de leitores e do mesmo modo, o desenvolvimento de uma organização comercial em volta da leitura, o que começou no século XVIII. Vale frizar que a sua primeira grande obra impressa foi a Bíblia, concluída aproximadamente em 1455. Essa obra assinalou o começo da era da impressão em grandes quantidades e apresentou um impacto expressivo na disseminação do conhecimento e na popularização do acesso à informação, colaborando com a intenção que a literatura começasse a ser mais difundida e acessível.

Chartier (2003) defendeu que não existiu uma quebra repentina entre os manuscritos e a prensa móvel inventada por Gutemberg. Ele aponta que os manuscritos e textos impressos coexistiram entre os séculos XVIII e metade do XIX, sobretudo porque existia a suposição que o texto impresso refletiria o rompimento entre autor-leitor.

Destarte, a leitura impressa transformou o jeito como os indivíduos interagiam com os livros. Antes, era uma atividade efetivada sobretudo por uma elite educada, porém a impressão permitiu que os livros se tornassem mais acessíveis a um grupo mais amplo, colaborando, assim, para o aumento da escolarização e para a propagação de ideias e informações. Desde então, a leitura impressa tem sido a forma predominante de acesso à informação e à literatura.

No que diz respeito à leitura digital, essa teve seu início no final do século XX, com o desenvolvimento e popularização dos computadores pessoais e da internet. Desde então, os textos começaram a ser digitalizados e disponibilizados em formato eletrônico, permitindo que fossem lidos em telas de computadores.

No entanto, foi com o surgimento dos *e-readers* (dispositivos específicos para leitura de livros digitais) e dos tablets que a leitura digital realmente se consolidou. O lançamento do *Kindle*, da *Amazon*, em 2007, foi um marco importante nesse processo, pois trouxe um dispositivo dedicado à leitura de livros eletrônicos, com uma tela de tinta eletrônica que simulava a aparência do papel.

Com o avanço da tecnologia, Chartier (2001) se antecipou a assinalar que as novas tecnologias de comunicação conseguiriam materializar a tradição textual, já que na tela dos

computadores entrelaçam-se diversos formatos de textos, o que propicia novas vias de interagir com a leitura.

Destarte, com o crescimento do mercado de dispositivos móveis como smartphones e tablets, a leitura digital se transmudou ainda mais acessível e popular. Atualmente, existe uma variedade de aplicativos e plataformas que permitem a leitura de livros, revistas, jornais e outros materiais em formato digital. Ademais, a leitura digital também se expandiu para além dos dispositivos dedicados a ela, a qual começou a ser realizada em múltiplas espécies de telas, como computadores, tablets e smartphones. Isso proporcionou maior flexibilidade e oportunidade aos leitores, os quais são capazes de acessar seus conteúdos digitais em diferentes dispositivos, a qualquer momento e lugar.

Desse modo, a leitura digital continua a evoluir com a ascensão das tecnologias, adotando formatos de textos mais interativos, como os *e-books* enriquecidos com recursos multimídia, como vídeos e áudios, e o desenvolvimento de aplicativos específicos para favorecer a leitura e a disposição de conteúdos digitais.

A experiência dos leitores na prática da leitura literária sofre influência das novas relações que são produzidas nos ambientes virtuais. Os leitores estão avocando funções ainda mais ativas no ciberespaço, mediante as propriedades dos diversos formatos. Segundo Freitas (2005, p. 163), o leitor digital aparenta ter se tornado mais ágil que o leitor em papel, cumprindo uma leitura interativa que beneficia um jeito exploratório e lúdico diante do texto literário.

É crível, pois, que as tecnologias digitais impactaram significativamente na percepção da leitura. Antes, a leitura era vista especialmente como uma ação solitária, efetivada com o auxílio de livros impressos, em que o leitor interagira apenas com o texto. Todavia, desde o emprego das tecnologias digitais, a leitura começou a ser compreendida como um procedimento mais interativo e colaborativo.

Sob essa ótica, Chartier afirmou que

Lê-se de outras maneiras, por exemplo escrevendo e modificando. Antes, com o livro impresso, era possível anotar nas margens ou nos vazios da página, “uma escrita que se insinuava, mas que não podia modificar o enunciado do texto nem o apagar”; agora, o leitor pode intervir no texto eletrônico, “cortar, deslocar, mudar a ordem, introduzir sua própria escrita” (CHARTIER, 2003, 205).

Em *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador*, Roger Chartier discorre acerca do que o passado ensina sobre a sobrevivência da leitura impressa e as implicações das novas tecnologias no seu porvindouro. Chartier pondera ainda sobre a dimensão da denominada revolução do texto eletrônico, igualando-a com a revolução de Gutenberg. Para ele, distante

de uma interrupção, existiu uma continuação intensa em meio a tradição do manuscrito e a tradição do impresso. Todavia, a revolução do texto eletrônico é uma revolução nos arcabouços do suporte físico do escrito da mesma forma como nos formatos de ler. Portanto,

O novo suporte do texto permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro. No livro em rolo, como no códex, e certo, o leitor pode intervir. Sempre lhe é possível insinuar sua escrita nos espaços deixados em branco, mas permanece uma clara divisão, que se marca tanto no rolo antigo como no códex medieval e moderno, entre a autoridade do texto, oferecido pela cópia manuscrita ou pela composição tipográfica, e as intervenções do leitor, necessariamente indicadas nas margens, como um lugar periférico com relação a autoridade. (CHARTIER, 1988, p. 88)

Dessa maneira, com a popularização dos dispositivos eletrônicos, surge a leitura digital como uma opção acessível e prática, oferecendo o ensejo de acesso a uma extensa gama de obras literárias através de plataformas digitais, e-books e aplicativos. Além disso, também permite uma maior interatividade, com recursos como dicionários online, notas de rodapé e até mesmo a chance de compartilhar trechos nas redes sociais.

Ao contrário da leitura impressa, a digital tem propriedades únicas que podem influenciar a experiência do leitor. Com o fim de exemplificar, tem-se a configuração de como o texto aparece na tela, a aptidão de interagir com o saber, a capacidade de descoberta e a disposição de personalizar o layout, são componentes que podem influenciar o tipo de leitor.

A respeito, Chartier (1998, p. 77) frisa que:

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão.

Na visão do autor, não há uma alternativa melhor ou pior quando se trata de leitura impressa ou digital, visto que os efeitos produzidos na geração de saber e no desenvolvimento da compreensão leitora são intrínsecos à própria ação. Deste modo, os dois formatos podem e devem conviver, ainda que eles apresentem anuência máxima ou mínima em cenários diferentes.

Isso posto, compreendendo que o ambiente escolar não deve estar alheio às transformações tecnológicas que advém da contemporaneidade, dado que elas perpassam por diferentes contextos sociais, é imprescindível que se reflita quanto a sua complexidade, seu acesso e alcance. Assim, é impraticável

Pensar em uma educação digital sem refletir sobre a incorporação das tecnologias digitais nas aulas de Língua Portuguesa, já que é nesse ambiente que a linguagem

alcançou um espaço vultoso, como bibliotecas virtuais, sites, *blogs*, *fanfics*, *ebooks*, *WebQuest*, *streaming*, *Kindle* e outros, promovendo maior interatividade entre o leitor e a leitura. (SANTOS, 2022, p. 512)

Vale salientar que, como afirmou Zilberman (1991), a propagação da leitura e o consumo da literatura não é competência exclusiva da escola ou de determinadas disciplinas, e que estas responsabilidades devem ser repartidas entre todas as áreas, disciplinas e projetos. Ainda assim, múltiplas maneiras do fazer pedagógico nas aulas de Língua Portuguesa enfrentaram mudanças e exigências no que diz respeito ao ensino da leitura literária e ao acesso às tecnologias digitais.

Nesse viés, a fim de que essa missão alcance êxito é necessário rever o processo de acesso, abrangência e sentido que a leitura tem para os ambientes escolares. Feito isso, é imprescindível analisar sobre a convergência entre a Língua Portuguesa e a leitura literária com o mundo digital, no qual alunos e professores estão entremeados, buscando, assim, novos contornos que suplantem as adversidades vivenciadas pela educação no âmbito dos fenômenos ocasionados pelo uso das tecnologias digitais.

Mesmo ciente das limitações vivenciadas pelos professores de Língua Portuguesa nas atividades de leitura literária nas suas aulas, é primordial que seja incitada através inovações digitais. Desse modo, para que a leitura literária esteja inclusa diariamente no contexto escolar, é indeclinável que o texto literário seja apreciado e discutido conforme a experiência que se vive, pois falar sobre as estratégias e práticas que agucem a leitura literária na sala de aula de Língua Portuguesa pode surgir de múltiplas vias.

Entretanto, vale advertir que usar ferramentas tecnológicas para incitar a prática de leitura literária pode promover uma maior aproximação entre o aluno e o texto ou meramente expandir as desigualdades sociais, levando em consideração o aspecto real da sociopolítica em que está entreposta a educação contemporânea. Em suma, deve-se objetivar a apropriação dos métodos tecnológicos, desenvolvendo didática e currículo que venham permitir o domínio da tecnologia e de seus resultados.

Dessa maneira, a leitura literária na escola não é algo simples e não tem mágica estabelecida para obter sucesso. Entretanto, algo é irrefutável: torna-se imperativo pensar acerca da leitura literária dentro desse cenário educacional tecnológico em que os alunos estão inseridos, já que, conforme Cruz (2021), “o século XXI trouxe as múltiplas linguagens e suas inovações, mas esqueceu de bater na porta da escola brasileira”.

Assim sendo, muitas são as tecnologias e dispositivos apresentados e disseminados, porém, em sua maioria, poucos estão inseridos efetivamente na realidade dos alunos e das

escolas. O cenário real em que alunos e professores vivenciam está longe dos padrões idealizados no mundo tecnológico contemporâneo. Doravante cada realidade específica, é possível encontrar, nos ambientes escolares, alunos que não sabem fazer uma pesquisa no Google, não sabem utilizar plataformas virtuais de aprendizagem, não dispõem de acesso às ferramentas digitais e o mais corriqueiro: não dispõem de acesso à internet. Dessarte, as tecnologias educacionais adentraram para o rápido e cruel período de expectativas associadas ao ensino de Língua Portuguesa, pois agenciam a propagação do conhecimento, como também podem segregar e discriminar quando estas são afiançadas a todos.

Mercado (2002, p.01) assegura que, na educação, a aplicação das tecnologias digitais deve laborar para o ensino de Língua Portuguesa como “ferramentas instigadoras capazes de colaborar para uma reflexão crítica, para o desenvolvimento da pesquisa, sendo facilitadoras da aprendizagem de forma permanente e autônoma”. Conforme Mercado, o ensino da disciplina deve receber novos contornos suscitados pelo dinamismo, inovação e capacidade de comunicação singulares conferidos as ferramentas tecnológicas.

Nesse entendimento, em tempo de educação digital, o que almejar da leitura literária nas aulas de Língua Portuguesa? Talvez o retorno a essa indagação seja acerca da visão do leitor crítico, competente e autônomo, apto para “ler o mundo”, tão evocado por Paulo Freire (1989). Assim, “ler o mundo” sugere ler a tecnologia, abrangendo seus códigos, acepções e probabilidades. Logo, faz-se imperioso estabelecer um diálogo com as tecnologias digitais mais recentes, propiciando o intercâmbio entre os alunos e os instrumentos acessíveis, com o propósito de ampliar a aprendizagem da leitura literária, considerando que os novos alunos, os cognominados nativos digitais, estão imersos a essa cultura digital.

Perante o exposto, estimular o acesso à leitura nos ambientes escolares, através do proveito das tecnologias, especificamente nas aulas de Língua Portuguesa, é desejar uma nova perspectiva para com a leitura literária, dessa forma, promovendo a formação do leitor crítico, início basilar para a constituição de uma sociedade mais íntegra e cônica.

Isso posto, Cosson (2012) adverte que o professor, como interventor, carece perfilar práticas leitoras diversas e estimuladoras em suas ações, objetivando criar estratégias metodológicas significativas a serem empregadas no cenário escolar que fomentem a leitura literária entre os alunos. Desse modo, por intermédio da leitura literária, é necessário incluir os alunos em discussões referentes às culturas, ideologias e valores, objetivando auxiliar na apreensão e edificação das relações entre o conhecimento e suas conjunturas, desenvolvendo indivíduos críticos e conscientes.

No tocante a criar estratégias metodológicas, Regina Zilberman (1991) afirma que

[...] se ao professor compete modificar sua atuação como condição de transformar o ensino, igualmente é imprescindível associar esse fato, de um lado, à recuperação da base metodológica, de outro, à pesquisa de metodologias renovadoras. (ZILBERMAN, 1991, p. 67)

Zilberman ainda enfatiza que “a escola detém uma importância cultural que, muitas vezes, só é percebida quando ela falha”. A autora ainda continua destacando que, “a escola é o lugar onde se aprende a ler e escrever, conhece-se a literatura e desenvolve-se o gosto de ler” (p.10). Perante essa assertiva, a escola desempenha um papel crucial na promoção da leitura literária, e as novas estratégias e mecanismos de ensino são fundamentais para tornar essa experiência mais significativa e envolvente para os alunos.

Nessa asserção, a leitura literária está unida à relação que o indivíduo tem com a sociedade e os caminhos como se impulsiona nela. Destarte,

Pensar práticas e estratégias que incitem a leitura literária na sala de aula de Língua Portuguesa pode partir de múltiplos caminhos. Todavia, utilizar os recursos tecnológicos como instrumentos da prática da leitura literária, dadas as características dos alunos atuais, pode favorecer um contato maior entre o aluno e o texto. (SANTOS, 2022, p. 512)

Em tempos em que a tecnologia digital é a variante predominante da modernidade, apreende-se que o desafio em torno da formação de leitores literários nas aulas de Língua Portuguesa trilha caminhos díspares, exigindo políticas públicas colocadas efetivamente em prática, professores preparados para fazer uso com destreza dos suportes tecnológicos, além de alunos com pleno acesso à internet e à tecnologia.

Diante do exposto, torna-se indispensável conjecturar sobre uma nova percepção de aquisição da leitura literária utilizando as ferramentas digitais, conferindo-a a relevância no desenvolvimento escolar e cultural dos alunos, salientando a urgência de adequação para acolher às questões sociais e culturais da educação tecnológica, respeitando e fazendo cumprir as políticas que asseguram esse direito.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CHARTIER, R (orgs). *História da leitura no mundo ocidental*. Trad. Fulvia M. L. Moretto; Guacira M. Machado e José Antonio de M. Soares. Vol. 1. São Paulo: Ática, 2003.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2010.

[CRUZ, M. F. B.](#) *Educação literária e desafios digitais: dilemas da BNCC*. Fórum Linguístico, v. 18, p. 345-358, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. Coleção Leitura. 2003.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

FREITAS, M. T. *Leitura, escrita e literatura em tempos de internet*. In: PAIVA, A. et al (Orgs.). *Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces- o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.155-173.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. São Paulo: Ática. 5ª edição, 1993.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. *Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática*. Org. Maceió: EDUFAL, 2002.

SANTOS, Nadja S. Brasil. *Educação digital em tempos de streaming: um olhar sobre o acesso à leitura literária nas aulas de Língua Portuguesa*. Anais do Seminário de Pesquisa do DLLARTES 2022.1. Alagoinhas: Fábrica de Letras, 2022, p. 509-530.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. 2ª ed. - São Paulo: Contexto, 1991.